

## **CONVERGÊNCIAS ENTRE FREUD E A FENOMENOLOGIA: UM OLHAR INTERDISCIPLINAR**

## **CONVERGENCES BETWEEN FREUD AND PHENOMENOLOGY: AN INTERDISCIPLINARY LOOK**

## **CONVERGENCIAS ENTRE FREUD Y LA FENOMENOLOGIA: UNA MIRADA INTERDISCIPLINAR**

**Rafael Raffaelli ♦**

### **Resumo:**

O propósito deste artigo é analisar algumas conexões entre psicanálise e fenomenologia tendo como base os trabalhos de Freud, Husserl e seus seguidores. São revistas as críticas dos filósofos fenomenológicos sobre os fundamentos epistemológicos da teoria psicanalítica. Com as alterações das concepções psicanalíticas nos anos 20, iniciou-se uma aproximação entre as duas teorias, numa convergência interdisciplinar que se ampliou nas décadas seguintes. A hermenêutica pode ser vista como o ponto de conexão entre a psicanálise e a fenomenologia, a primeira focalizando a sexualidade e a última focalizando a ontologia.

**Palavras-chave:** Psicanálise, Fenomenologia, Epistemologia, Hermenêutica, Interdisciplinaridade.

### **Abstract:**

The purpose of this essay is to analyze some connections between psychoanalysis and phenomenology on the basis of Freud's, Husserl's and his follower's works. The critiques of the phenomenological philosophers concerning the epistemological foundations of the psychoanalytic theory are also reviewed. The changes on the psychoanalytical concepts in the 20's began to bring together the two theories, in an interdisciplinary convergence that increased in the following decades. Hermeneutics may be seen as the connection point between psychoanalysis and phenomenology, the former focusing on sexuality and the later focusing on ontology.

**Key-words:** Psychoanalysis, Phenomenology, Epistemology, Hermeneutics, Interdisciplinary.

---

♦ Doutor em Psicologia Clínica pela PUC/SP. Professor Titular do Departamento de Psicologia e do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).  
Email: [raraffa@terra.com.br](mailto:raraffa@terra.com.br)

**Resumen:**

El propósito de este artículo es el de analizar algunas conexiones entre la psicoanálisis y la fenomenología utilizando como base los trabajos de Freud, Husserl y sus seguidores. Se revisan las críticas de los filósofos fenomenólogos sobre los fundamentos epistemológicos de la teoría psicoanalítica. A partir de las alteraciones ocurridas en las concepciones psicoanalíticas a partir de los años 20 se inició una aproximación entre las dos teorías rumbo a una convergencia multidisciplinar que se amplió en las décadas siguientes. La hermenéutica puede ser vista como el punto de conexión entre la psicoanálisis y la fenomenología, la primera con foco en la sexualidad y la segunda en la ontología.

**Palabras-clave:** Psicoanálisis; Fenomenología; Epistemología; Hermenéutica; Interdisciplinaridad.

**1. INTRODUÇÃO**

O termo fenomenologia foi largamente empregado pela filosofia e designa, a partir do século XVIII, o “estudo dos fenômenos” ou a “descrição daquilo que aparece”, ressaltando a aporia entre “aparecer” e “ser”. Nessa acepção, a fenomenologia foi entendida pela escola de Wolff, por Kant, e também por Hegel, entre outros. (Scherer, 1983, pp.237-238)

O conceito de fenomenologia que tratamos neste artigo é derivado da filosofia de Edmond Husserl (1859-1938) e refere-se a uma teoria do conhecimento, cujo método é a redução do dado à sua essência (*eidós*). Ao buscar o fundamento das ciências humanas na própria condição humana, tal como ela se apresenta na vivência do mundo, Husserl sublinhava a importância de se evitar o enclausuramento das Humanidades em si mesmas, gerando psicologismos, sociologismos, historicismos, etc. (Merleau-Ponty, 1973, pp.15-17).

Nesse sentido, a fenomenologia poderia ser entendida como uma “ciência eidética”, isto é, uma “ciência das essências”, que, ao investigar o sentido da apropriação do dado (elemento empírico) pela consciência intencional, vem a se constituir na base epistemológica das ciências do homem.

Para Martin Heidegger (1889-1976) a fenomenologia é o método filosófico por excelência, que realiza a hermenêutica do “ser-aí”. O cerne do método da fenomenologia iniciada por Husserl é a interpretação ou exegese e designa as condições de possibilidade da investigação ontológica, tendo suas raízes na metodologia das “ciências historiográficas do espírito”. Na sua obra *O Ser e o Tempo (Sein und Zeit)*, dedicada ao

mestre Husserl, busca esclarecer a questão, ao mesmo tempo em que manifesta seu débito intelectual para com ele:

Ontologia e fenomenologia não são duas disciplinas distintas pertencentes como outras à filosofia. Esses dois nomes caracterizam a filosofia mesma por seu objeto e seu método. A filosofia é a ontologia universal e fenomenológica que parte da hermenêutica do 'ser-aí', que, por sua vez, como analítica da existência, ata o fio condutor de toda a questão filosófica ali onde toda questão filosófica surge e retorna. As seguintes investigações somente foram possíveis sobre a base colocada por E.Husserl, em cujas *Investigações Lógicas* irrompeu a fenomenologia. (Heidegger, 1927/1986, pp. 48-49)

Freud não faz menção à fenomenologia em toda sua obra e Husserl não demonstra interesse pela psicanálise, à qual critica no texto *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*. (Husserl, 1954/1976, p.267).

Para melhor entendermos essa aparente falta de afinidade entre a psicanálise e a fenomenologia, procuraremos responder às seguintes indagações: 1.Quais as principais críticas da fenomenologia à epistemologia freudiana?; 2. Quais as aproximações possíveis entre as duas teorias?

## **2. FENOMENOLOGIA E PSICANÁLISE: CRÍTICAS E APROXIMAÇÕES**

Na França é Roland Dalbiez - autor da primeira tese em língua francesa sobre Freud (*La méthode psychanalytique et la doctrine freudienne*) - que inicia a crítica da epistemologia freudiana a partir de 1936. (Assoun, 1983, p.25)

Duas décadas mais tarde, Jean Hyppolite critica a carência de dialética das teses freudianas e, nesse sentido, à filosofia caberia depurar o caráter positivista inerente à teoria psicanalítica. As aquisições essenciais da psicanálise seriam, então, a interpretação dos fenômenos de consciência como significativos e a idéia de totalidade significativa. A tarefa da psicanálise seria a exegese (*Auslegung*) do psiquismo humano numa perspectiva histórica, tendo a clínica como referência fenomenológica.

A leitura, a exegese de um contexto psicológico implicam uma espécie de esquecimento fundamental - inclusive esquecimento do esquecimento - que é preciso conseguir superar. Mas o esquecimento não é o desaparecimento puro e simples. Digamos então que a psicanálise nos abriu uma nova dimensão na exploração concreta das existências humanas; trata-se de decifrar

os símbolos de uma consciência, os enigmas que são enigmas para aqueles que os vivem. (Hyppolite, 1955/1971, p.39)

Para Paul Ricoeur o problema central na epistemologia inerente às teorias freudianas está na coexistência da energética (sistema tópico-econômico) e a hermenêutica. O *Projeto Para Uma Psicologia Científica* de 1895 seria o exemplo por excelência de uma “energética sem hermenêutica”. O cerne da questão reside, segundo ele, na aporia entre uma descrição das forças psíquicas segundo um modelo "hidráulico" - fundado na física newtoniana - e a interpretação do sentido.

É interpretando-a (...) que a psicanálise se inscreve na cultura. (...) Interpretar significa ir de um sentido manifesto a um sentido latente: a interpretação se move inteiramente em relações de sentido e só compreende as relações de força (recalque, retorno do recalçado) como relação de sentido (censura, despistamento, condensação, deslocamento); por isso, ninguém contribuiu mais que Freud para romper o charme do fato e para reconhecer o império do sentido. Todavia, Freud continua a inscrever todas as suas descobertas nesse mesmo contexto positivista que, no entanto, vinham arruinar. (Ricoeur, 1969/1978, pp.122-125)

O próprio Freud já afirmava que a psicanálise era uma “arte de interpretação” – uma hermenêutica - que extrairia do “minério bruto” das associações o “metal puro” do recalçado. (Freud, 1903/1987, p.235)

Ricoeur insiste também que a psicanálise não cumpre os critérios de cientificidade das ciências naturais segundo as leis do positivismo, pois suas 'leis' não são passíveis de serem analisadas em termos de variáveis, pois "em psicanálise não há 'fatos', no sentido das ciências experimentais" (Ricoeur, 1969/1978, p.159).

Podemos concluir, então, que há divergências conceituais claras entre as doutrinas fenomenológica e psicanalítica e mesmo que inexistente conexão entre elas, ou mais, que elas sejam incompatíveis?

Jean-Paul Sartre, por exemplo, identifica pontos em comum entre as duas doutrinas:

Uma só escola partiu da mesma evidência originária que nós: a escola freudiana. Para Freud, como para nós, um ato não pode limitar-se a si mesmo: remete imediatamente a estruturas mais profundas. E a psicanálise é o método que permite explicitar essas estruturas. (...) Concedemos aos psicanalistas que toda reação humana é, a priori, compreensível. (Sartre, 1943/1984, pp.483-485)

Por outro lado, Sartre critica a psicanálise pelo reducionismo biológico e pela abordagem retrospectiva - voltada ao passado - que ignora a direção prospectiva da ação humana - que remete ao futuro - onde o Homem se afirma na sua liberdade. Discorda ainda sobre o estatuto do conceito de inconsciente, pois a consciência seria o objeto mesmo da psicologia. A teoria sexual freudiana também é questionada, visto que a sexualidade não se constituiria num elemento prevalente na relação humana com o mundo, mas num modo de ser como outros.

Pode-se dizer, assim, que é a busca pelo significado - a exegese da psique - que aproxima psicanálise e fenomenologia.

Esse trabalho de interpretação é necessário, pois o homem não se constitui apenas em partícipe do mundo, mas é o ponto de origem da reflexão. A questão do ser - ponto nodal da filosofia - é o que permite complementar a visão empírica da psicanálise. No dizer de Merleau-Ponty: "Freud considera a emoção como uma ação ou uma realização simbólica. Também ele mostra (e sabemos que é esta a fórmula que melhor permite aproximá-lo dos fenomenólogos) que 'os fatos psíquicos tem um sentido', devendo ser decifrados" (Merleau-Ponty, 1973, p.37).

A psicanálise e a fenomenologia seriam, assim, hermenêuticas do humano, que visam decifrar o subtexto de toda realização do homem. A diferença fundamental entre essas duas doutrinas é que a psicanálise está preocupada em decifrar a sexualidade, como motor último de toda realização psíquica, enquanto a fenomenologia dirige-se para a investigação ontológica. Como assevera Merleau-Ponty *cum grano salis*, a psicanálise "incha" ("*gonfle*") o conceito de sexualidade a ponto de abarcar toda a existência, mas deve-se reconhecer que "*la sexualité est non seulement un signe, mais encore un signe privilégié*" (Merleau-Ponty, 1945/1979, pp.185-186), isto é, a sexualidade se constitui como um modo privilegiado da abertura intencional ao mundo.

Pode-se afirmar, então, que existem analogias entre as duas escolas, pois partem ambas do cotidiano e postulam a decifração de um esquecimento, postulando uma exegese. As diferenças decorrem da base empírica da psicanálise, a prática clínica, enfocada na sexualidade, enquanto a fenomenologia volta-se para a questão existencial, da contextualização do ser em suas origens e em seu sentido, tal como Freud analisa os sonhos, sintomas e atos falhos.

A 'fenomenologia hermenêutica' haverá de decifrar, pois, o sentido do texto da existência, esse sentido que precisamente se oculta na manifestação do dado. E até talvez possa-se encontrar aqui uma analogia com a psicanálise, que é também um deciframento da existência, uma elucidação do sentido profundo que entranham, sem conhecê-los, os dados imediatos do psiquismo. (Dartigues, 1981, p.149)

Efetivamente, se a fenomenologia puder ser encarada como ciência da consciência obscura e, por outro lado, a psicanálise como ciência do inconsciente (*Unbewusste*) ou do desconhecido (*Unbekannte*) pela consciência, ambas em busca do sentido oculto da existência, pode ser dito que muito pouco as separa quanto ao objeto, como atesta Ricoeur (1965/1990, p.328): "Com efeito, nenhuma filosofia reflexiva está tão próxima do inconsciente freudiano como a fenomenologia de Husserl e de alguns discípulos seus, principalmente Merleau-Ponty e De Waelhens".

Ao admitir a consciência obscura, a fenomenologia aproxima-se da psicanálise pela refutação radical da quimera do saber imediato do si mesmo; esse descentramento do ego, como sede de toda a experiência, resulta que qualquer modo de ser consciente equivale a um modo de ser inconsciente.

E, embora - como citado no início - tenha repudiado uma aproximação entre psicanálise e fenomenologia, o próprio Husserl admitiu minimamente uma "intencionalidade inconsciente" quando trata das implicações de seu conceito de consciência de horizonte (Husserl, 1954/1976, p.267).

Pois a consciência produz um sentido que já está antecipado em seu horizonte, vale dizer, o sentido previsto é comprovado *hic et nunc* e, então, reconstituído e presentificado. A presença do sentido conduz a uma intencionalidade, reduzindo os elementos sensíveis, selecionando-os segundo sua congruência, e aí conscientizando-os como ato na temporalidade, lembrando que - conforme a tese de Merleau-Ponty na *Fenomenologia da Percepção* - a intencionalidade não surge apenas na consciência, mas também no corpo, que "vale como modelo ôntico para qualquer inconsciente imaginável". (Ricoeur, 1965/1990, p.333)

Mas mesmo em Husserl, para quem a consciência vem a constituir o sentido <sup>1</sup>, esse sentido está sempre inserido numa "diferenciação temporal", pois é preliminarmente tomado como uma pré-compreensão antecipatória, para depois tornar-se uma efetiva compreensão, conforme a idéia do "círculo hermenêutico" (Coreth, 1973, pp.81-83;

Juranville, 1987, p.33), pois, como afirma Heidegger, “toda interpretação funda-se no compreender”, ou seja, “interpreta-se o mundo já compreendido”. (Heidegger, 1927/1986, pp.166-172)

Todavia, diferentemente de Husserl, Freud supõe que os atos psíquicos possuem intenções múltiplas e múltiplos significados, quer dizer, são polissêmicos; motivados por causas diversas, são definidos como sobredeterminados. O conceito de sobredeterminação (*Überdeterminierung*) - presente já na *Interpretação dos Sonhos* - dá idéia de uma causalidade, não hipotetizando um antecedente direto ou material, mas em termos de uma intencionalidade teleológica, que esclareça a pluralidade "*des intentions qui ne sont pas directement accessibles à la conscience du sujet*". (Widlöcher, 1986, pp.82-84)

A noção de carne, a tese do corpo - que não é nem coisa, nem ego - é o que acaba por aproximar a fenomenologia do inconsciente psicanalítico, pois é a partir da compreensão do corpo enquanto sentido encarnado - "a carne do sensível" (Merleau-Ponty, 1960/1991, p.184) - que é possível apreender o papel privilegiado da sexualidade no ser humano e a gênese da repressão.

Quanto à questão da linguagem, o ponto de conexão entre fenomenologia e psicanálise é a dialética da presença e da ausência, exemplificada por Freud no jogo do "*fort-da*" - tal como aparece no *Além do Princípio do Prazer* (Freud, 1920/1987, p.26) -, com relação à compulsão à repetição, e também em *Luto e Melancolia*, com relação à reconstrução do objeto perdido pelo trabalho de luto (Freud, 1917/1987, pp.276-277).

Toda presença é relativa a uma ausência e ambas são a gênese do signo através do controle da privação da coisa mesma, pois a linguagem é uma forma de ausentar-se das coisas e designá-las "no vazio", ao mesmo tempo que elas se fazem presentes pelo "vazio" do signo (Merleau-Ponty, 1960/1991, pp.95-96; Ricoeur, 1965/1990, pp.335-336). Esses trabalhos de Freud comprovariam a asserção fenomenológica da intersubjetividade, pois todas as relações que mantemos com o mundo são intersubjetivas - como o é basicamente a relação edipiana.

A segunda tópica freudiana vem ao encontro desse requisito da fenomenologia, pois as relações entre as instâncias do aparelho psíquico se fundamentam no campo intersubjetivo. Mas mesmo as pulsões só adquirem sentido inseridas nas relações humanas e por isso pode ser dito que a constituição intersubjetiva do desejo é a "verdade

profunda" da psicanálise para a fenomenologia, considerando-se que o desejo humano é na verdade desejo do desejo do outro, isto é, uma demanda.

Pois a fenomenologia postula que o sentido de uma conduta transborda a representação que a consciência possui dele e isso prepara o terreno para o entendimento psicanalítico das perversões ou das fobias, onde o objeto desencadeador é sempre um substituto, uma representação, do trauma original. E isso nos conduz ao conceito psicanalítico de representante ideativo (*Vorstellungsrepräsentanz*), que na visão fenomenológica poderia ser traduzido por sentido e intenção.

### 3. CONCLUSÃO

Se à época de seus fundadores a psicanálise e a fenomenologia passaram por um momento de desconhecimento e desencontro inicial, pois enquanto a primeira afirmava o inconsciente e o primado da sexualidade, almejando um *status* de ciência natural, a segunda privilegiava a consciência e a intersubjetividade, recusando *ab initio* a prevalência do método das ciências naturais.

Parte dessa situação pode ser imputada ao desinteresse do próprio Freud quanto às questões filosóficas de sua época. (Freud, 1925/1987, pp.75-76; Jung, 1961/1975, p.138)

Entretanto, as alterações nas concepções epistemológicas da psicanálise, evidenciadas pela "virada dos anos vinte", aproximaram-na das perspectivas fenomenológicas, gerando uma convergência que se acentuou ao longo do tempo, principalmente nas obras de alguns de seus continuadores. Esse fato pode ser notado, por exemplo, na obra dos teóricos da *Gestalt*, em particular Kurt Lewin, com sua análise de conceitos psicanalíticos por meio da teoria de campo. (Lewin 1933/1975, p.181; Lewin, 1951/1965, p.36).

As duas teorias, ao longo dessa aproximação, acabaram por exibir grande afinidade e complementaridade em muitos aspectos conceituais, em especial a questão da exegese do sentido do ato psíquico.

Desse modo, para alguns fenomenólogos o conceito de inconsciente passaria a ser aceitável, enquanto consciência obscura, e a tese do corpo viria a justificar a sexualidade como signo privilegiado da existência humana, enquanto vínculo intersubjetivo.



E se, como Husserl afirmava, "a fenomenologia constitui o essencial fundamento eidético da psicologia e das ciências do espírito" (Husserl, 1913/1986, p.47), então fica evidente a conexão, pois a fenomenologia poderia conferir aquilo que a psicanálise carece: uma teoria do conhecimento adequadamente formulada em termos filosóficos.

Pois a interpretação psicanalítica não surge *ex nihilo*, pois se refere a um conteúdo que tenta arrancar à sua obscuridade (Laplanche, 1988, p. 122) - um elemento já pré-compreendido, mas ainda inconsciente - o que a insere na perspectiva de um horizonte de compreensão.

O abandono do fisicalismo freudiano por psicanalistas posteriores – destacando-se nesse particular Jacques Lacan -, possibilitou um estreitamento dos laços entre a psicanálise e a filosofia, especialmente a fenomenologia, fomentando uma revisão de seus pressupostos epistemológicos. (Jurenville, 1987; Lacan, 1975)

Além disso, como nos recorda Merleau-Ponty, as novas concepções de mundo relacionadas à relatividade e à teoria quântica no campo da física colocaram em cheque o fisicalismo psicológico, dando vigor às disciplinas tidas como 'subjetivas' ou 'interpretativas'. Mas esse impasse não deve ser encarado como uma *"victoire de l' 'intérieur' sur l' 'extérieur', et du 'mental' sur le 'matériel', mais comme un appel à la révision de notre ontologie, au réexamen des notions de 'sujet' et de 'objet'"*. (Merleau-Ponty, 1964, p.41)

Aponta, outrossim, para a inadequação dos pólos tradicionais da epistemologia, abalando o critério de verdade das vertentes experimentais - alicerçado no realismo de fundo positivista (naturalismo) - e alavancando as concepções metodológicas mais afinadas com a idéia de interdisciplinaridade, visando a compreensão dos fenômenos complexos.

Desse modo, abrir-se-ia um espaço - uma "clareira" epistemológica - para que a psicanálise e a fenomenologia possam estabelecer uma convergência interdisciplinar entre as Humanidades – tendo por base a questão hermenêutica -, sem que se dissolvam em nenhuma delas.

## NOTAS

1. A questão do sentido em Husserl aproxima-se da visão freudiana da primeira tópica, sobre a relação dinâmica entre pré-consciente e consciente, onde o pré-consciente atua antecipando o sentido dos elementos conscientizáveis e, segundo a psicanálise, gerando angústia ao prenúncio do reprimido com raiz na sexualidade. Quanto à questão da tópica psíquica cabe aqui uma citação de Ricoeur: "Mas o importante

para a análise, é que esse sentido está separado por uma barreira de tomada de consciência. Aí está o essencial da idéia de repressão (...). O inconsciente da fenomenologia é o pré-consciente da psicanálise, quer dizer, um inconsciente descritivo, todavia não tópico". (Ricoeur, 1965/1990, pp.342-343)

## REFERÊNCIAS

ASSOUM, P.-L. (1983). *Introdução à epistemologia freudiana*. (H.Japiassu, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.

CORETH, E. (1973). *Questões fundamentais de hermenêutica*. (C.L.Matos, Trad.) São Paulo: EPU/EDUSP.

DARTIGUES, A. (1981). *La fenomenología*. Barcelona: Editorial Herder.

FREUD, S. (1987). A interpretação dos sonhos (*Die Traumdeutung*). In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. 24 v. 2ª edição. v.V. (V. Ribeiro, Rev.Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1900).

FREUD, S. (1987). O método psicanalítico de Freud (*Die Freudsche Psychoanalytische Methode*). In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. 24 v. 2ª edição. v.VII. (V. Ribeiro, Rev.Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1903).

FREUD, S. (1987). Luto e melancolia (*Trauer und Melancolie*). In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. 24 v. 2ª edição. v. XIV. (V. Ribeiro, Rev.Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1917).

FREUD, S. (1987). Além do princípio do prazer (*Jenseits des Lustprinzips*). In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. 24 v. 2ª edição. v.XVIII. (V. Ribeiro, Rev.Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1920).

FREUD, S. (1987). Um estudo autobiográfico (*Selbstdarstellung*). In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. 24 v. 2ª edição. v.XX. (V. Ribeiro, Rev.Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1925).

FREUD, S. (1987). Análise terminável e interminável (*Die endliche und die unendliche Analyse*). In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. 24 v. 2ª edição. v.XXIII. (V. Ribeiro, Rev.Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1937).

HEIDEGGER, M. (1986). *El ser y el tiempo*. México: Fondo de Cultura Económica. (Texto original publicado em 1927).

HYPOLITE, J. (1971). *Ensaio de psicanálise e filosofia*. (A.Telles, Trad.). Rio de Janeiro: Taurus. (Texto original publicado em 1955).

HUSSERL, E. (1976). *La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendentale*. Paris: Gallimard. (Texto original publicado em 1954).

HUSSERL, E. (1986). *Ideas relativas a una fenomenologia pura y una filosofia fenomenológica*. México: Fondo de Cultura Económica. (Texto original publicado em 1913).

- JUNG, C.G. (1975). *Memórias, sonhos, reflexões*. (D.F.Silva, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Texto original publicado em 1961).
- JURANVILLE, A. (1987). *Lacan e a filosofia*. (V.Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (1975). *Le séminaire de Jacques Lacan - Livre 1: Les écrits techniques de Freud - 1953-1954*. Paris: Éditions du Seuil.
- LAPLANCHE, J. (1988). *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. (D.Vasconcellos, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- LEWIN, K. (1965). *Teoria de campo em ciência social*. (C.M.Bori, Trad.). São Paulo: Pioneira. (Texto original publicado em 1951).
- LEWIN, K. (1975). *Teoria dinâmica da personalidade*. (A.Cabral, Trad.). São Paulo: Cultrix. (Texto original publicado em 1933).
- MERLEAU-PONTY, M. (1964). *Le visible et le invisible*. Paris: Gallimard.
- MERLEAU-PONTY, M. (1973). *Ciências do homem e fenomenologia*. (S.T.Muchail, Trad.). São Paulo: Saraiva.
- MERLEAU-PONTY, M. (1979). *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard. (Texto original publicado em 1945).
- MERLEAU-PONTY, M. (1991). *Signos*. (M. E.G.G. Pereira, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Texto original publicado em 1960).
- RICOEUR, P. (1978). *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. (H.Japiassu, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1969).
- RICOEUR, P. (1990). *Freud: una interpretación de la cultura*. México: Siglo Veintiuno. (Texto original publicado em 1965).
- SARTRE, J.-P. (1984). *El ser y la nada*. Madri: Alianza/Losada. (Texto original publicado em 1943).
- SCHERER, R. (1983). Husserl, a fenomenologia e seus desenvolvimentos. In F.Châtelet (Org.), *História da filosofia – idéias, doutrinas. Volume 6 – A filosofia do mundo científico e industrial* (pp. 234-261). Rio de Janeiro: Zahar.
- WIDLÖCHER, D. (1986). *Métapsychologie du sens*. Paris: Presses Universitaires de France.